



A celebre dançarina Rita Sachetto
 («Cliché» Abenlcar)

II Série—N.º 430

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 18 de Maio de 1914

DIRETOR E PROPRIETÁRIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
 RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent. Semestre..... 2840 cent.
 Ano..... 4850 cent. Numero avulso. 10 cent.

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8



**ANEMICOS, CORCOVADOS
DISPEPTICOS, VELHOS
CONVALESCENTES**

Tomae de manhã e á tarde uma chavena do delicioso

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

O mais poderoso, dos reconstituintes; o unico alimento vegetal aconselhado por todos os medicos tanto aos enfermos como aos saos.

REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hespanha)**
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironomancas, cronologia e lisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gail, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, ingles, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.



CAMPIÃO & C.ª

Loterias, Cambios—Papeis de credito
116, RUA DO AMPARO, 118

DR. PEDRO MARTINS

ADVOGADO

RUA AUREA, 242, 1.º TELEPHONE 2330

Rua do Ouro 110
Esquina R. S. Nicolau
Sucessores-l do
LISBOA
TELEPH. 1762

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.
BAUME BENGUE
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOC EDADE ANONIMA
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
CAPITAL

| | |
|--|--------------|
| Ações | 300.000\$000 |
| Obrigações | 320.010\$000 |
| Fundos de reserva e de amortização | 260.400\$000 |
| Rés | 950.317\$030 |

Sede em Lisboa.—Proprietaria das fabricas do Prado, Marianada e Sobrelimbo (Tamar), Penedo e Cas. d'Hermito (Louza), Vale Malor (Albergaria-a-V. Ho). Instaladas para producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especcias de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou r-donda e d'forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.—Escritor os e depositos: LISBOA—270, Rua da Princeza, 76—PORTO—49, Rua de Passos Manco, 51. Endereço U-legrali: em L. bra e Porto: Companhia Prado. Numero: 14-faov: Lisboa, 605; Porto, 117.



Royal Vinolia Cream.



Seu uso torna-se indispensavel a quem deseja ter a pelle fresca e macia. As suas propriedades suavizantes alliviam immediatamente toda a irritação produzida por qualquer doença cutanea.

VINOLIA CO. LTD.,
LONDON—PARIS.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

18-5-1914

N.º 430

A terra

Um forte sismo de origem vulcanica acaba de destruir varias povoações da Catania. Liverra, Coscutini, Bongiaro e Santa Maria caíram em ruínas. As terras abrem sulcos profundos, como se as lavrasse um arado infernal. O Etna continúa a babar chamas e lava.



Manadas de povo desvairado correm os campos, de cruzes erguidas, cantando. Os doentes fogem dos hospitaes. Abatem tuneis e pontes. E enquanto o pavor de Messina resurge, —no seu oratorio do Vaticano, como uma sombra branca d'onde pendesse uma cruz peitoral d'oiro, Pio X reza.

A provincia sangrenta

Houve na provincia dois grandes dramas: um na Covilhã, outro em Evora. Na Covilhã, um louco assassina á facada um official e é linchado pelo povo. Em Evora, um pobre velho á quem penhoram a sua unica riqueza, um predio na rua dos Cogulos, arma um altar, veste um balandrão negro da Misericórdia, enche a casa de palha, unta-a de petroleo, la-ga-lhe fogo, e —pobre carcassa de oitenta anos onde resplandece um momento a alma do Tio Goriot e dos velhos de Plauto — enforca-se n'uma trave alta do teto, enquanto o incendio devora aquelas paredes que eram o ultimo amor da sua vida e o ultimo tesouro da sua avareza. Foi um drama de Bernstein n'um pardieiro da rua do Apostolo.



Concurso Hípico

Começou ante-hontem em Palhavã o Concurso Hípico Internacional. Os francezes Angla, Du Costa, marquez de Orgeix no seu «Sarah Gosse», D. Pedro Goyoaga n'uma égua anglo-arabe, deram as suas provas de estilo, de resistencia e devirtuosismo em competencia com os melhores cavaleiros portuguezes. Disse um dia o duque de Saboya que Portugal era uma terra de mulheres feias, de homens fortes e de excelentes cavallos. A assistencia feminina ás provas de hontem e de ante-hontem viu confirmar-me na certeza de que o velho duque entendia muito mais de cavallos do que de mulheres.



A honra dos outros

Com as ultimas perturbações atmosfericas, coincidiu uma tão forte «poussée» de penpençias, — que por força deve existir uma estreita

relação entre a frequência dos duelos e as oscilações do barometro. É uma observação que escapou a Verger de Saint Thomas e ao conde de Chateauvillard, a Fougereux de Champignolles e a Mr. de Brantôme. Foi tão evidente o abuso,



que o governo viu-se compelido a proibir os duelos e a processar os duellistas. Em rigor e em principio, deviam ser processadas apenas as testemunhas, excelentes pessoas demasiado faceis e demasiado prontas em dispor da vida dos seus constituintes. Karr teve, a este respeito, uma frase feliz: «Ce ne sont ni les balles ni les épées qui tuent; ce sont les temoins».

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Manuel Gustavo.



DE CASTIGO...

São agora aos milhares as flores variadas do parque, que em certos lugares, chegam a entontecer pelo perfume e a desvairar pela cor.

Não me lembra de, em ano nenhum, haver o sol desentranhado uma tão opulenta, matizada seara de pétalas. Como não me recordo de, em alguma outra ocasião, haver lá visto correr, pular, chilrear tanta creançada.

Já trajadas estivamente, com as pernitas mais nuas, os pescoços mais descobertos, os braços mais á mostra, todos aqueles corpos, baralhados n'uma tripudiante confusão jovialíssima, irrompendo da leveza vaporosa dos brancos ou claros tecidos esvoacantes, sugeriam a passagem do «Genesis» que Eugénio de Castro vestiu com o seu verbo fulgurante:

Quando a manhã surgiu com seus aureos recamos,
 Haviam os Anjos lírios, namorados cruéis,
 Haviam regressado aos divinos vergeis
 E as filhas dos mortaes gemiam assombradas
 Por não se verem já aos noivos abraçadas,
 Quando os visos, ao sol, se iam já aloirando:
 — O velho Patriarca, erguendo-se, espriando
 O fatigado olhar, e avistando as serenas
 Campinas matinaes cobertas pelas penas,
 Que o amor tinha arrancado á plateada inocencia
 Das azas virginaes dos anjos em demencia,
 Quedo e anguloso qual agulha de basalto,
 Ficou mudo, a pensar... e emfim clamou bem alto:
 «Como foi? como foi, poderoso Senhor,
 «Que caiu tanta neve havendo tal calor?»

Neve mais rosada e fulvescente que a da epiderme e dos cabelos das loiras creanças alvas, outra não ha, por certo, e assim, quasi misturadas, brincando umas com as borboletas ou com as abelhas, jogando as outras com os seus brinquedos ou com os companheiros, as flores e as creanças do parque dir-se-iam irmãs, ou, quando menos, duas encarnações de uma mesma gracil aspiração da natureza.

Sendo as creanças flores maiores, talvez as flores sejam pequenas almas de creanças futuras, e foi uma d'essas ranchadas travessas, que, trazendo-me á memoria as «Saudades do Céu», me levou a suspeitar se o grande massiço de rosas, que lhes

servia de fundo, não seria apenas um montão das coloridas, balsamicas peras com que, n'um milagre de infinidade fresca olorosa, elas tivessem baixado do céu glorioso á terra glorificada.

Onde não ha uma creança, ha agora, no parque, um pé de flores. Até aonde as flores se não atrevem, a pequenada não hesita; a ponto de eu estar ainda por saber se foram as creanças quem semeou as flores, ou se seriam as roseiras que geraram tanto pequerrucho.

Dada a infantil concorrência, é também superior ao habitual o numero das mestras ali congregadas na sua fatigante missão de atalaías vigilantes, e, mais do que nunca, ao notar a animação esfuante, a formidável atividade desenvolvida pelas pletóricas vidas de poucos anos, avalio do melindroso grau de responsabilidade, do constante, ingrato esforço que a essas mulheres se exige.

Algumas, já de certa idade, evocam pirâmides, imóveis e sem braços, ás quaes se mandasse guardar e reter pardaes irrequietos. Mais novas e sonhadoras outras, cheias de amorosa anciedade, são como aves de extenso ou alto vôo, que tivessem por obrigação não soltar as azas.

— Sabe que desejo hoje me assalta? — disse eu á adoravel miss Gertrude, que, muito esbelta e toda resplandecente, é bem uma digna imagem da espirital santa do seu nome.

— Como quer que eu adivinhe os seus pensamentos? — respondeu-me, com seus humidos labios de seda.

— Quizera ser Briareu, veja lá!

— Não lhe bastam dois olhos?

— Para a contemplar proveitosamente, não seriam demais os cincoenta olhos do monstro! Confesso, porém, que o que, sobretudo, me parece digno de inveja no gigante, eram os seus cem braços!...

— O senhor lá sabe!

— Imagine que me está apeteendo poder agarrar em todas essas crianças, de uma só vez, ao colo, oferenda-las ao sol, que as abençoasse, e depós-las, depois, novamente em terra, empregando o carinho com que, ainda há pouco, a vi reclinar, aí, a seu lado, esse mólho de rosas frescas, que o jardineiro fez a justiça de lhe oferecer, e que me colocam n'uma vexante situação.

—N'uma vexante situação?!
 —Pois claro! Como poderão as minhas palavras, ditas da sua esquerda, já não digo egualar, mas não parecerem misérrimas, em simetria com essas incomparáveis rosas que, á sua direita, dormitam?
 —Se são sinceras, as palavras teem tambem o seu perfume!
 —Mas, em face das rosas, só ás mulheres devia assistir o direito de falar!
 —Como queria, então, que conversassemos?
 —Mais belo seria escuta-la, em silencio!
 —Voltando ao seu desejo: porque não pega em cada uma d'essas crianças de per si, até have-las abraçada a todas?
 —Não era a mesma coisa. Uma criança, por cada vez, dar-me-hia a vulgar sensação de ser

que podem alijar a carga do cuidado dos filhos, os entregam, sem repugnancia, ás estranhas?
 —E' uma questão de moda!
 —Não tanto como supõe! E', principalmente, uma defeza da propria liberdade.
 —Nem todas as mães assim procedem.
 —Porque é, em nossos dias, dispendioso ter uma escrava!
 —Considera-se escravizada?
 —Ou, ainda peor, prisioneira de um ser muito mais pequeno que eu, que, por isso mesmo que é innocente, e tudo ignora do que eu não lhe ensino, se me impõe com o absoluto despotismo de um anjo poderoso.
 —Estava longe de a julgar tão descontente!
 —Apanhou-me hoje em maré de confidencias!
 Quer saber tudo? Sinto, como mestra, a mesma



pae; ao passo que, erguendo-as a todas de um só impulso, julgar-me-hia um semi-deus por alguns instantes.
 — Bem se vê que não lida com elas!
 —Porquê?
 —Se tivesse de as aturar permanentemente, em breve perderia essa sua idolatria por elas!
 — Não creio!
 — Experimente, e verá!
 — Dar-se-ha o caso que, gostando tanto de flôres, a miss não goste de crianças?
 — Prefiro, de facto, as flôres.
 — Dão menos trabalho?
 — Tiranisam-nos muito menos.
 — Exagera!
 — Porque será, n'esse caso, que todas as mães,

revoltada impressão que, outrora, me dominava, quando, no collegio, me punham de castigo?
 — Cuida-se de castigo, na vida?
 — Vendo todas as mulheres da minha idade poderem rir, gozar, divertir-se, amar, e eu proibida de fazer como elas!
 — Basta que o queira!
 — Despedir-me-hiam imediatamente.
 — Parece-me que no seu contrato não entra a renuncia!
 — E que é, afinal, a seriedade, que somos obrigados a guardar, senão a renuncia?
 — La por isso, todas as mulheres, que se prezam, teem por dever manter-se serias.
 — Mas não se lhes proibe o amor.
 — Nem a si.

— E' o que lhe parece. Bastava que soubessem que me demoro, às vezes, a conversar comsigo, e seria logo adm'oestada.

— Por mim, nada sabemão!

— Não ha de tardar muito que a ama da Maria Engracia dê com a lingua nos dentes!

— Ai tem, a miss, outra classe de sacrificadas: as amas!

— Ainda assim, não tanto como nós, que somos tambem amas a nosso modo: com a diferença de, em vez de contentar, a horas certas, a gula dos muito pequeninos, termos de, a cada momento, satisfazer a curiosidade dos menos pequenos...

— Mas olhe que as amas teem de viver separadas dos filhos!

— Não lhes causa isso grande magua! O que talvez lhes doesse, seria vêrem-se sem uma creança. Dão-lhe, porém, outra a criar, e isso succede, de ordinario, antes de elas terem tempo de se acostumar ao verdadeiro filho.

— Não tenho que replicar-lhe.

— Estão ainda para cá do amôr.

— Forçam-nos a desenvolver, artificialmente, as facultades especiaes que só às mães competem, e, se, após esse postigo noviciado afetuoso, depois de haver aprendido a tratar os frutos do amôr, mostramos apeteecer esse amôr, ainda nos censuram ou expulsam.

— Entende, portanto, que só depois do amôr uma mulher pôde educar?

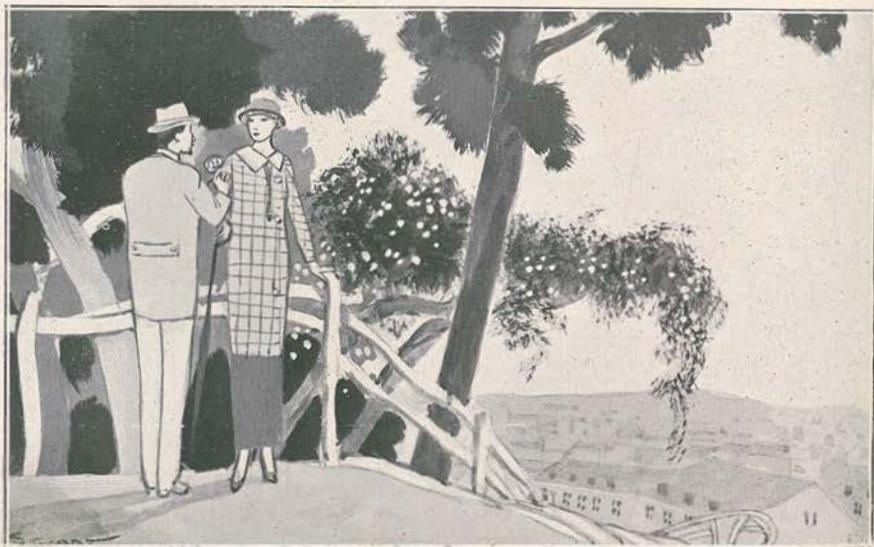
— Acho, pelo menos, que para as educadoras o amôr é um dever! Sabe como eu gosto de rosas não é verdade?

— Sei que as adora.

— Muito bem! Pois imagine que me apeteçia — e já não seria a primeira vez — plantar uma roseira! Não seria ridiculo tolherem-me esse prazer?

— Evidentemente.

— E no entanto, se, amanhã, depois de ter passado todas as fadigas de uma mãe de um filho da idade do meu discipulo, me apeteecer preparar as coisas para criar familia, logo os patrões dis-



— O nosso sacrificio, o nosso castigo, é dez vezes maior, pois que é, sobretudo, anti-natural.

— Protesto! A' mulher não repugna o educar.

— O ser professora, talvez! Dar aulas, tomar lições, mas descansando nos intervalos. Ago-a, ter de ser como outra mãe de filhos que não são seus...

— Vê as coisas por um mau prisma!

— Vejo-as como elas são! A aptidão para cuidar das crianças, só nasce, na mulher, depois do amôr e depois da maternidade. A educadora fórma-se após a noiva, após a esposa, após a mãe. Fazerem-nos educadoras, antes de sermos noivas, e antes de sermos amadas, é simplesmente cruel. Pois, não acha?

— Talvez.

— As amas, em que o senhor ha pouco falou, estão, em vista da evolução por que passaram, dispostas pela propria natureza a amamentar o seu, ou o filho de outra, não importa! Como toda a mulher que tem uma creança, vae, á medida que ela cresce, requeintando de aptidão educativa. E nós?

pensarão os meus serviços. Parece-lhe justo?

— Conhecidas, agora, as suas disposições, parece-me tão justo como impedir uma agua de coizer ou um passaro de voar.

— Ora ainda bem que estamos de acordo!

— Tão de acordo que, se eu houvesse nascido para me casar, lhe pediria, hoje mesmo, a sua mão!

— E quem o autorisava a tal?

— A sua conversa.

— Engana-se.

— Não consentiria?

— Cons'nto, quando muito, que me peça uma rosa

— Só uma rosa?

— E' tudo quanto uma mulher nas minhas condições lhe pôde dar!

— Tudo?

— Tudo, infelizmente.

— Enquanto estiver, na vida, de castigo?

— Até me decidir a plantar, tambem eu, a minha roseira!...

MANUEL DE SOUSA PINTO.

AS EXEQUIAS
POR
ALMA DO SR. JOSÉ LUCIANO



1. O sr. Augusto José da Cunha.



2



3. O sr. dr. Campos Henriques

As exequias por alma do sr. José Luciano de Castro, que a antiga comissão do partido progressista fez realizar na



egreja da Encarnação foram, revestidas d'uma grande solenidade. Uma assistência escolhida e numerosissima encheu



5

2. Os srs. drs. Antonio Cabral, Velga Beirão, Souza Teles, Moreira Junior, Ravasco e da Laceria e Maria Neres á porta da igreja da Encarnação.—4. O sr. dr. Ribeiro Coelho, que fez a oração fúnebre.—5. Um aspecto da saída da igreja da Encarnação.

o grande templo onde a missa a instrumental foi celebrada pelo rev. prior de Belem acolitado pelos priores da Madalena e da Graça, servindo de mestre de cerimonia o beneficiado da Sé sr. Avelino de Figueiredo, assistindo todos os priores da capital.

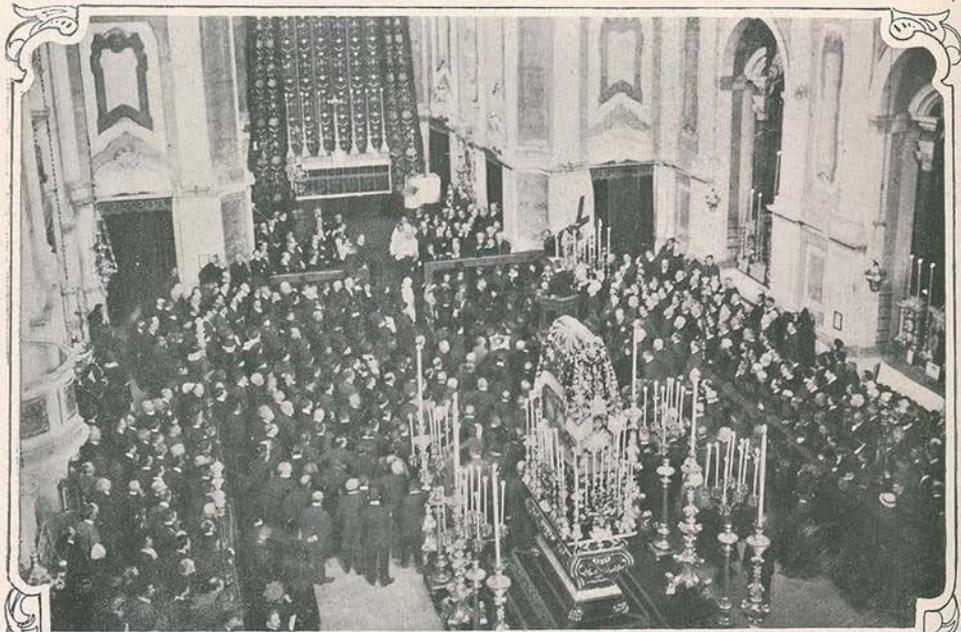
Fez a oração o funebre, que constituiu uma bela peça oratoria, o sr. dr. Ribeiro Coelho, prior de Santos, na qual



O sr. conde de Sabugosa que representou o sr. D. Manuel de Bragança, á saíua da igreja.

prepassou a vida politica do chefe progressista e se marcou a atmosfera e os sucessos da época em que fez a sua carreira.

Grande quantidade de senhoras assistiu a essa cerimonia, acompanhando a familia do finado estadista, á qual profundamente comoveu aquela sentida homenagem.



O interior do templo durante a cerimonia

(«Clichés» Benolle).

Homenagem ao sr. dr. Afonso Costa

No Coliseu dos Recreios realizou-se a sessão d'homenagem á obra do sr. dr. Afonso Costa, e á qual presidiu o sr. dr. Estevão de Vasconcelos, secretariado pelos srs. Carvalho Araujo e José dos Santos. A assistência enchia a vasta sala e nos intervalos dos discursos, em que se enalte-

ceram os trabalhos do ex-presidente do conselho os alunos da Tutoria da Infancia e as creanças que compõem o orfeon Maria Emilia Costa cantaram alguns delicados trechos. Usaram da palavra, além do sr. Estevão de Vasconcelos, os srs. ministro da justiça, Levi Marques da Costa e Alexandre Braga, tendo o ex-governador civil de Lisboa, sr. dr. Daniel Rodrigues, lido a saudação das comissões paroquias e municipal a qual foi escrita pelo ilustre homem de letras sr. José Caldas.

O sr. dr. Afonso Costa não assistiu á sessão dada em sua honra, mas n'um camarote estiveram as pessoas de familia do chefe do partido democratico que foram muito vitorizadas pela assistência assim como o coronel sr. Correia Barreto que se encontrava n'um camarote contiguo.



1. A mesa que presidiu á sessão: Ao centro o sr. dr. Estevão de Vasconcelos e a seguir os srs. Carvalho Araujo e sr. António Macieira.—2. Um aspecto da sessão.

(«Gliches Benollet)



CHEIA DE GRAÇA...

(Do livro inédito «ESTRADA FÓRA»
versos d'um caminheiro).

Sobe ao altar a Noiva casta e pura:
O veu na face, a flôr na loura trança.
— Bençãos de Deus e sonhos de creança,
Vinde aureolar a imagem da Candura!

Sorri agora a Esposa, com ternura:
Anjo do Lar, Senhora da Bonança...
Beijo por beijo, o seu amor não cança
Enchendo duas almas de ventura.

Um dia é Mãe, consagração suprema...
— Cantai-a vós, n'um místico poema,
O' menestreis do Amôr, que a Fama enlaça!

Ser Pura, Casta e Santa, eis seu destino...
A mim seduz-me este «Angelus» divino
E rezo: «Avé, Mulher, Cheia de Graça»!

VILA FRANCA DE XIRA
NOVEMBRO 1913

FAUSTINO DOS REIS SOUZA.

STUART

FLORENÇA



A catedral de Santa Maria del Fiore vista do Palazzo Vecchio

Se eu aspirasse a suplantar aos olhos d'um viajante olhos em festa será o mais belo e o mais impercível.

artista, meu amigo, o prestígio do Baedeker e tivesse de aconselhar-lhe um itinerário em Florença, começaria d'este modo, menos bizarro, mesmo á primeira vista, do que depois lhe viria a parecer judicioso: — Ao chegar á estação tome uma carruagem, diga ao cocheiro que o conduza a San Miniato; atravesse de olhos fechados a cidade e só os abra quando a lentidão da marcha lhe indicar que vae subindo ja o Vialle dei Colli. Chegado ao seu destino, visite a igreja onde repousa n'um tumulto, modelo do genero, esculpido por Rossellino, um cardeal portuguez; e venha, depois, da esplanada, contemplar a cidade. Seja de manhã, seja ao meio-dia, seja á noite, n'uma d'essas noites de Italia que possuem todo o misterio das doces evocações, o espetaculo que a natureza e a arte mostrarão aos seus



Fachada de Santa Maria

Acostumado a compreender aos poucos as cidades que visita pela primeira vez, o viajante sentir-se-ha surprezo ao ver esta de golpe e, o que é mais, a compreende-la sem esforço em toda a sua poesia que iluminou os seculos, em toda a sua alma de nobreza gentil e de harmonia. Veneza, «coquette» indolente, voluptuosa, dá-se pouco a pouco aos amorosos que, seduzidos pelo seu prestígio secular, sonham em conquista-la; Florença entrega-se toda ao primeiro olhar d'amór.

Senti o seu encanto é facil, de tal modo a sua magia nos envolve, nos absorve, se integra n'um momento em nós quasi sem darmos fé. Só defini-la se nos figura um arduo empenho, a um ponto tal os meios d'expressão de que dispomos nos aparecem mais

... pobres do que nunca. E nós compreendemos então melhor esse Leonardo florentino, que foi pintor e escultor e arquiteto e poeta, na febre de modelar o seu sonho e de no-lo dizer inteiramente.

E é aqui, de San Miniato, junto d'essa pequena basilica do século XI que é por assim dizer a guarda-avançada da mais pura e maravilhosa Renascença, quando contemplamos o panorama que se estende deante dos nossos olhos encantados, que essa obra de Deus e dos homens nos aparece na sua unidade e na sua beleza incomparáveis. Sem o «Bonte Vecchio» coberto de casas tão velhas como ele, sem o Arno, sem essa paisagem de filigrana, n'uma outra terra agreste, de natureza barbara e hostil, o campanario de Giotto seria um contrasenso; e, como uma gema de incalculavel preço, «Santa Maria del Fiore», que Carlos V quizera n'um escritorio de veludo, sobresae n'essa paisagem como n'um escritorio mais raro, de ouro, de flores, e d'essa tenue neblina que rodeia Florença sem a envolver nunca e se perde em farrapos pelas suas colinas como pedaços de renda pelo ar.



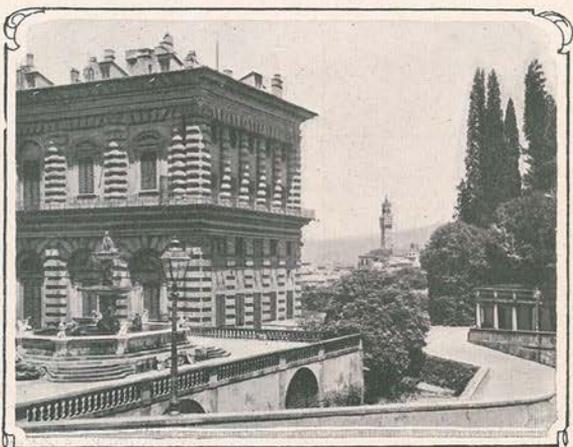
Piazza della Signoria

... Stendhal compara Florença a uma bela miniatura; admira o acção e o acabado da sua arquitetura greco-gótica; diz que nas suas ruas, calcetadas com grandes blocos de pedra branca se respira não sei que perfume singular; felicita-se por lá não ver as «indignas fachadas á Piermarini», o arquiteto de Milão; afirma que em vinte sitios da cidade, como, por exemplo, descendo da «ponte della Trinità» e passando deante do paiaço Strozzi, o viajante se pode crer em 1500, respirando o «belo ideal da Edade-Media».

Eu tambem penso que, ao crear a terra de Florença, Deus fez a obra d'um miniaturista de genio; ele fê-la por certo repouando do esforço de crear não sei quantas montanhas colossaes e oceanos profundos, n'um momento de doce «rêverie» como aquelle em que mais tarde inspirou seu filho Memling. Na grande sinfonia da Creação, Florença é o «scherzo», um «scherzo», palpitante de graça, cheio de pequenas coisas deliciosas, onde não ha um traço largo que tonalidades doces não envolvam nem um grito de dôl que se não perca no murmúrio d'um beijo. Porque Deus a creou bela, os artistas fizeram de Florença a sua terra eleita; e a mão do homem foi aos poucos maravilhosamente completando, pelos seculos fóra, a obra da natureza.

«Darling» — exclama uma personagem de Anatole France inundando o olhar da paisagem florentina — não posso dizer, não sei dizer. Mas olhe, «darling», olhe ainda. O que está vendo é unico no mundo. Em parte alguma a natureza é até este ponto subtil, elegante e fina. O Deus que fez as colinas de Florença era artista. Oh, ele era joalheiro, gravador em medalhas, escultor, fundidor em bronze e pintor: era um florentino! Ele só fez isto no mundo, «darling!» O resto é d'uma mão menos delicada, d'um trabalho menos perfeito. Como quer que esta colina de San Miniato, d'um relevo tão firme e tão puro seja do autor do Monte Branco? Não é possível! Esta paisagem, «darling»,

tem toda a beleza d'uma medalha antiga e d'uma pintura preciosa; é uma perfeita e



Palacio Pitti e Jardins Boboli

tem toda a beleza d'uma medalha antiga e d'uma pintura preciosa; é uma perfeita e

equilibrada obra d'arte. E aqui está uma coisa que eu não sei dizer, que eu não sei compreender e que é uma coisa verdadeira: N'este paiz sinto-me, e deve sentir-se como eu, «darling», meia-viva e meia-mor-

cobre o tumulo dos Medicis, a Chartrosa, lá no alto, quasi em frente de nós — e Florença revelou-se-nos de subito, no seu passado d'arte e de combate, no seu presente de museu, o mais rico e mais vasto do Universo. Uma hora

de recolhimento deante d'esse panorama e teremos compreendido os proprios «Uffizi», mesmo antes de os ver. A alma da cidade do Dante entrara em nós por um prodigio e, ao ver mais tarde, de perto, as suas maravilhas, iremos reconhecendo, com uma surpresa devota, que todas nos eram já familiares.

Florença foi sempre na Italia a capital da arte, da ciencia, do espirito literario, do bom gosto.



Pateo do palacio del Podestà.

ta, n'um estado muito nobre, muito triste e muito dóce. Olhe, olhe muito: descobrirá a melancolia d'essas colinas que rodeiam Florença e verá uma fristeza deliciosa subir da terra dos mortos.

Contemplando d'ali Florença e compreendemo-la toda. Se, ao descer, pudemos ver na «piazza Michelangiolo» a copia em bronze do «David» do Buonrotti, na sua força elegante e na sua graça vigorosa, essa graça não nos surpreendem, tinhamos-las previsto. Vimos a Cathedral, o campanario, as ameias severas do «Palacio Vecchio», «Santa Croce», «Santa Maria Novela», a silhueta de «San Lorenzo» que



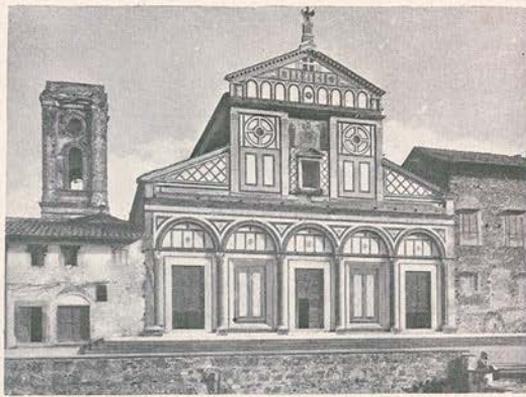
Claustro grande da Chartrosa

(«Cilchès» Brogi)

Os seus artistas foram os primeiros; e quando digo os seus artistas, falo tanto dos que lá nasceram como d'aqueles que, lá passando ou lá vivendo, receberam a sua bemfazeja influencia. Ain-

da hoje, se os namorados se comprazem em Veneza, e os amadores das grandes evocações da mais bela Historia só abandonam Roma com saudades, em nenhuma parte da Italia os artistas se acham melhor que em Florença.

Percorrendo as suas ruas, o espectáculo que se nos oferece não é precisamente o que previam os nossos olhos afeitos ás doçuras fruidas do alto de San Miniato. Os velhos palacios têm o ar de fortalezas erguidas contra um inimigo que se não deixou ainda de temer. Até ao segundo ou terceiro andares, essas moradas d'artistas parecem-nos antes azilos de guerreiros. Mas, se levantarmos o olhar, a impressão é outra, bem diferente. «O que nasce bruscamente do solo com um aspeto de prisão, de cidadela ou de tumulo — escreve mr. Charles Maurras — acaba mais alto em renda... A gen-



te pensa n'essas grandes arvores de tronco nu e cinzento cujos ramos obscuros acabam por lançar uma multidão de flores». Lá em cima, onde não chegam guelfos nem gibelinos, os habitantes de Florença podem entregar-se sem perigo ás suas fantasias d'artistas: o marmore

nas suas mãos é então todo graça, o cinzel que o trabalha é o mais requintado, o mais fino, o mais opulento de fantasia de todos os cinzeis. E ahí temos nós então a melhor das Florenças que previamos, contemplando-a de San Miniato — e que é a mais conforme com a ideia que d'ela pode fazer-se pelas obras dos seus homens d'arte, através da sua historia.

Abril de 1914.

PAULO OSÓRIO.



1. Basílica de San Miniato



2. Tumulo d'un cardeal portuguez em S. Miniato.—3. Ponte Vecchia.

(«Clichés» Allnari).

A morte da sr.^a marquesa da Fronteira



A sr.^a marquesa da Fronteira que foi uma das mais distintas senhoras da alta nobreza, era viúva do sr. Pedro José de Moraes Sarmento, fi-

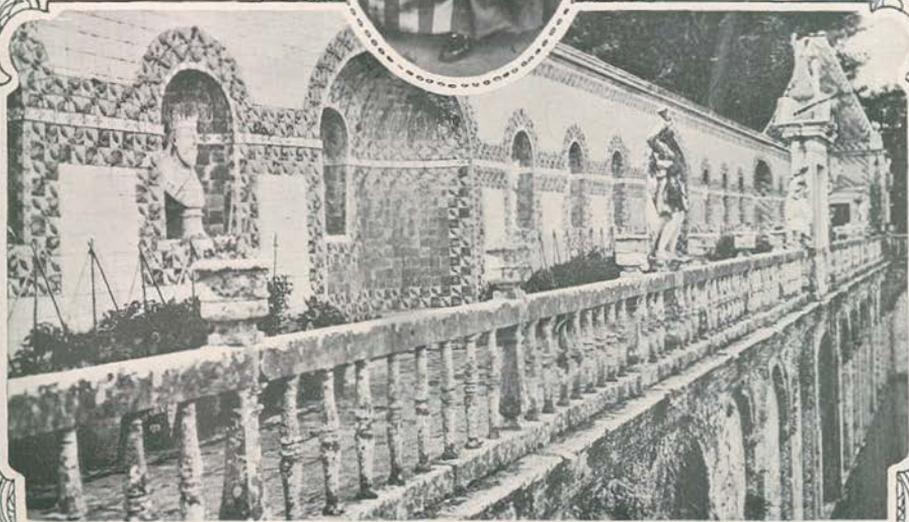


A sr.^a marquesa da Fronteira, D. Maria de Vasconcelos Barreto, faleceu no seu lindo palacio de S. Domingos de Bemfica, o historico solar onde a maior nobreza de Portugal passou, já a escutar as frases de espirito da talentosa marquesa d'Alorna, visavô da nobre senhora ha dias falecida, já para visitar as suas antepassadas figuras de primeiro plano na historia portugueza.



lho do sr. visconde da Torre de Moncorvo, antigo ministro de Portugal em Stockomo e em Londres.

Era a 8.^a marquesa da Fronteira, 6.^a marquesa d'Alorna, 9.^a condessa da Torre, titulos em que lhe sucede o sr. D. José de Mascarenhas, pae do fidalgo do mesmo nome ha pouco celebrizado quando dos movimentos monarchicos.



1 e 2. Aspètos do Jardim do palacio Fronteira em S. Domingos de Bemfica. 3. Sr.^a marquesa da Fronteira.

4. O terraco dos reis nos Jardins do palacio Fronteira em S. Domingos de Bemfica.

(«CHêchês» de Benollet).

O Congresso das Associações Comerciaes e Industriaes



Um aspêto do almoço oferecido aos presidentes das secções no Avenida Palace.

O Congresso das Associações Comerciaes e Industriaes encerrou-se na Associação Commercial estando presente o chefe do governo, ministros do fomento e instrução assim como

o governador civil de Lisboa. Os Congressistas aclamaram-nos ruidosamente fazendo-se uma grande ovação á evocação do nome do chefe do Estado.



O concurso de dactilografia a que assistiram os congressistas.
(«Clichés» de Benolle)



O sr. presidente do conselho com o sr. Eduardo Burnay na Companhia dos Tabacos, as operarias e alguns Congressistas.

Deliberou-se que no proximo ano o Congresso se realize no Porto tendo terminado a reunião para os Congressistas irem ao banquete da Camara Municipal ao qual assistiu todo o ministerio e grande numero de senhoras.

Ali o sr. Lima Bastos, presidente do Senado Municipal, iniciou a serie dos brindes falando tambem o sr. dr. Bernardino Machado a enaltecer os servicos do Municipio lisbonense.



Os Congressistas no passeio pelo Tejo a bordo do «Alem'ejo»



A visita dos Congressistas á Companhia Central Vinicola.
(«Clichés» de Benollel)

VIDA TRIPEIRA
PRAZERES DO DOMINGO
O savei frito no Areinho

Nos domingos estí-
vaes, quando a cidade
faísca e reverbera e to-
do este Porto de tem-
peraturas extremas é
uma fogueira imensa
onde se abraza, o tri-
peiro acorda cedo, ata-
fulha o amplo cêsto
merendeiro e abala, com
a mulher e os filhos, o
visinho ou um amigo,
para os verdes retiros
dos arredores, onde ha
sombas frescas e ar
lavado.

S. Mamede, Leça do
Baílo, Senhora da Flo-
ra, Foz do Sousa, são
na margem direita, os
pontos preferidos. Neles
se encontra a suave pe-
numbra que convida á
pânria, á soneca tran-
quila sobre a relva macia,
ao lado da toalha
onde desfilaram os pe-
tiscos da merenda, que
um apetite voraz fez
desaparecer n'um api-
ce.

Na margem esquer-
da, a Serra do Pilar,



Um belo peixe

Quebrantões, Pedra Sal-
gada e, finalmente, o
Areinho, a Meca do por-
tuese que se diverte ao
domingo, o privilegiado
lugar onde sucessivas
gerações têm saboreado
o tradicional peixe frito
da patuscada pacata.

Ao domingo, desde
que a manhã entra a lu-
zir até que a tarde co-
meça a descer e das
aguas verde-escuro do
Douro principiam a evo-
lar-se as suas eternas
neblinas, é vêr, sulcan-
do o rio, buscando a
sombra escassa das mar-
gens ou os locais pro-
pícios onde a corrente
é mais mansa, o formi-
gueiro operoso de bar-
quitos, carreado gente
para a clara e lavada
praia do Areinho.

Trinam as banzas, gar-
gantas argentinas de ra-
parigas acordam os ca-
vos ecos da Serra com
descantes, de margem a
margem trocam-se gra-
ças e cumprimentos, de



Momentos de anedade.



Preparativos de pesca.

quas, meninas apaixonadas riscam setas e corações na areia húmida e Don Juans de chapéu de palha e lenço atado no pescoço, um pouco vermelhaços das libações repetidas—fazem das suas.

Entretanto, a gente do logar, barqueiros e pescadores, vae deitando as rêdes, em cata do savel —manjar característico dos romeiros do Areiinho, que ali mesmo o saboreiam, em gordas postas bem fritas e cheirosas, com alface e azeitonas, que espreitam, luzidias e negras, como pupilas gulosas.

Emquanto a rêde alastra e desaparece sob o dorso crespo das aguas, na praia fazem-se apostas, ajusta-se e aleilôa-se a pescaria pro-



Fritos de escabeche são excelentes

barco para barco ha convites para o savel da merenda e, muitas vezes, o ôdre do verdasco chega a passar de uma para outra embarcação, em saudes e brindes que o vinho aquece e torna eloquentes.

Na praia famosa, toda a manhã e tarde se dança e brinca, mamãs hidropicas falam das creadas, papás gotosos recordam aventuras longin-



Colhendo a rêde.



vavel. Depois, quando começa a faina de recolher a rêde, toda a gente se apinha, em volta dos pescadores, olhando as aguas misteriosas, como quem, sobre o pano verde de uma mesa de jogo, aguarda o resultado de uma parada decisiva.

Por fim, puxada ao gesto forte dos pescado-

E, ultimadas as transações, todos debandam, contentes e felizes, se a pescaria foi boa, a fazer preparar nos restaurants do local ou na cozinha domestica os disputados saveis, que sabem bem melhor do que a fastidiosa vaca do dia-dia citadino...

Enquanto os pescadores, por sua vez, conta-



1. Aguardando o resultado da pescaria. 2. A' procura do peixe.
(«Clichês» Alvaro Martins)

res, na areia movediça, onde os pés se enter-ram, começa a estirar-se a rêde, em cujas malhas os saveis se debatem, saltam e contorcem, górdos e brilhantes, faiscando ao sol como ex- tranhas peças d'aço que um poder maravilhoso animasse de movimento.

dos os ganhos, farão boca para uma feverasita de carne,—o petisco raro e delicioso que as aguas caprichosas não fornecem...

Porto, maio, 1914.

SIMÕES DE CASTRO.

As festas em Belas

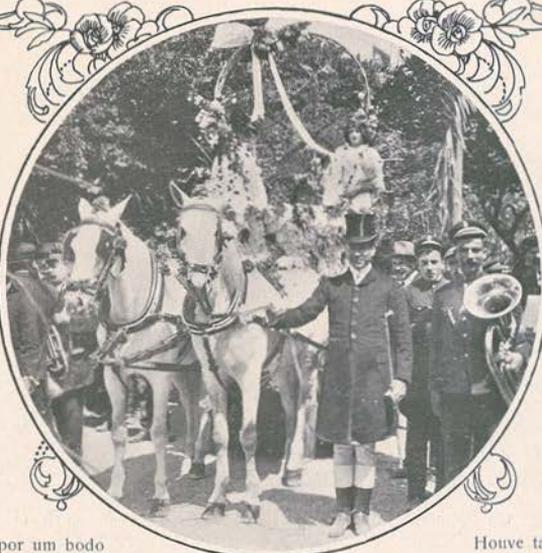
Belas, que tanto se anima no fim de agosto, pelo Senhor da Serra, esteve ha dias em festa. Centenas de forasteiros ali concorreram a assistir á festa da arvore que um grupo de senhores deliberou levar a cabo com verdadeira pompa.

Contribuíram para essa solenidade os lavradores, commerciantes e industriaes de Belas, assim como os nucleos d' instrução e as autoridades, tendo resultado um cortejo imponente de todos estes esforços empregados.

A festa começou por um bode á pobreza, fazendo-se depois o cortejo com os varios carros allegoricos á escola, á primavera, e á agricultura e nos quaes figuraram creanças vestidas para o efeito com magnificos trajos.

As arvores foram plantadas na praça 5 de Outubro no meio do maior entusiasmo das creancinhas.

Logo que o cortejo destroçou foi servido um «lunch» á pequenada n'um recinto vedado ao publico por verduira entrelaçada,



Carro representando as quatro estações.

tendo sido feita uma alocação por uma das escolas.

Na escola do sexo feminino ao começo da noite realisou-se uma conferencia pelo professor sr. Borges Grainha falando tambem outros oradores, entre os quaes a presidente da comissão que narrou os trabalhos e as canceiras d' esse devotado nucleo de senhoras para levarem a cabo a importante festa que tanta gente atraiu á bela povoação.

Houve tambem uma recita na qual os pequenitos cantaram varias canções em côro acabando a festividade com um arraial que esteve animadissimo.

Ficou constituída a mesma comissão de distintas senhoras que no ano proximo realisará, sem duvida com o mesmo brilhantismo, a encantadora festa da arvore que tanta concorrência chamou á bela povoação visinha de Lisboa.



A comissão de senhoras que organiso a festa



O carro da instrução.

Carro da agricultura.
(«Clichés» do distinto amator sr. Antonio Manso Tavares)

O JURAMENTO DE BANDEIRAS NO REGIMENTO DE INFANTARIA 23

No regimento d'infantaria 23, em Coimbra, tambem o juramento de bandeiras foi revestido d'uma grande imponencia.

A officialidade não se poupou a esforços para se realizar uma festa que, por todos os motivos, estivesse á altura do grande ato que se celebrava, tão decisivo na vida do soldado.

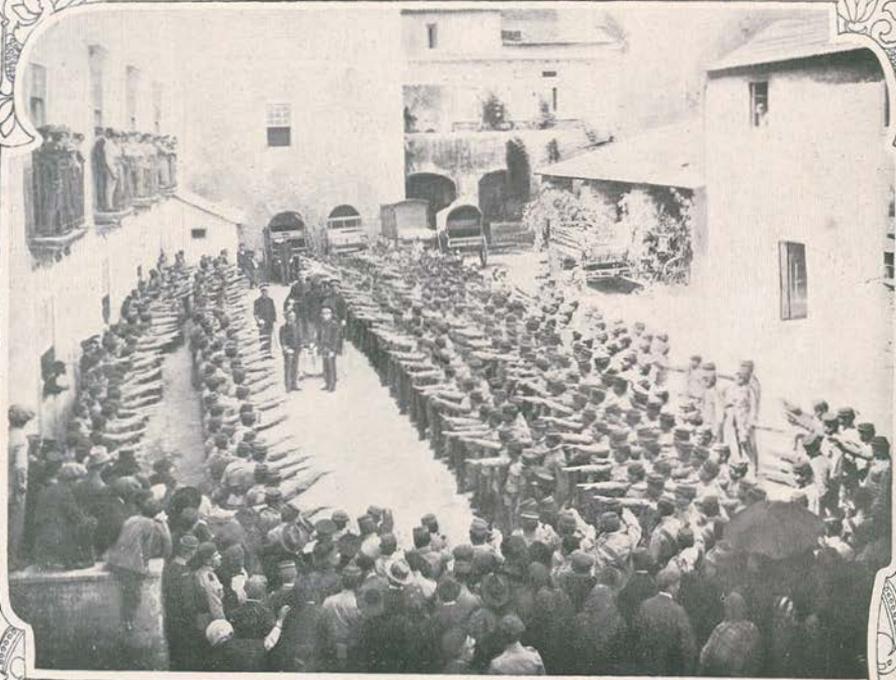
Com effeito, da mais disciplinada maneira



Um aspecto do exercicio final. A partida do acantonamento no largo da Igreja em Elras. — (Clichés do distinto photographo amador sr. Almeida.)

decorreram as varias fases da cerimonia prestada pelos militares que, dentro em pouco, com a sua instrução completa, regressaram ás suas terras.

As festas no regimento n.º 23 de infantaria foram das mais belas que se fizeram por todo o paiz em honra do ato de juramento de bandeira.



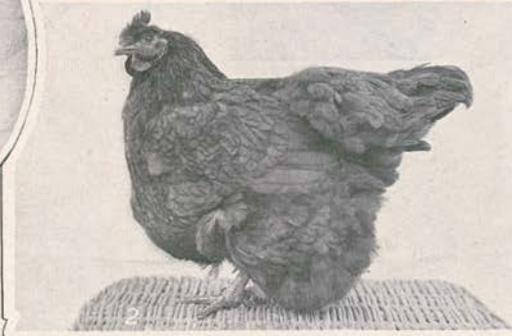
Os recrutas prestando o juramento.

A exposição d'avicultura



Combatente indiano do sr. A. Montelro, medalha d'ouro.

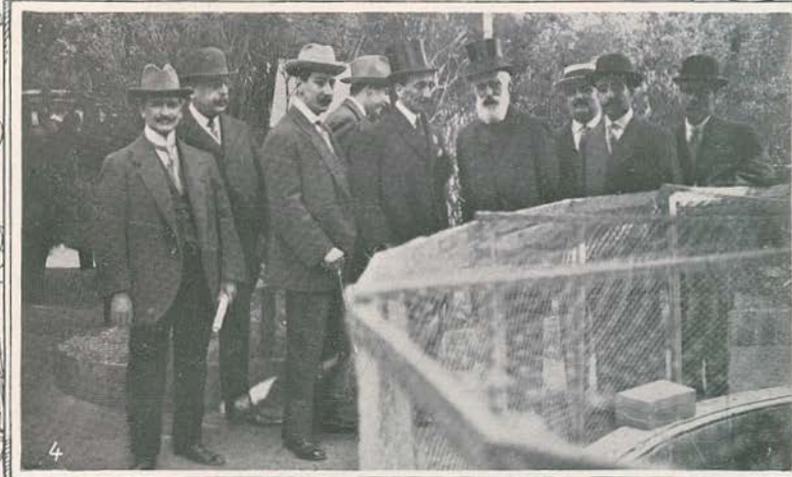
Na Sociedade d'Agricultura realisou-se a exposição d'aves que foi muito visitada. Estiveram patentes lindissimos exemplares de galina-



2. Orpington azul, pertencente ao sr. J. A. Montelro, premio de honra e medalha d'ouro e prata.



ceos assim como de coelhos magnificos sendo conferidos varios premios.



3. Orpington azul, pertencente ao sr. J. A. Montelro premio de honra d'ouro e prata.
4. O sr. ministro do fomento visitando a exposição, com alguns expositores.



5. La Fleche, femea. 6. Plymouth Rock Pedrezes pertencentes ao Aviarlo das Amoreiras, premio de honra e medalha d'ouro.
7. La Flecha preta premio de honra e medalha d'ouro. (Gliches de Benolle)

Figuras e factos



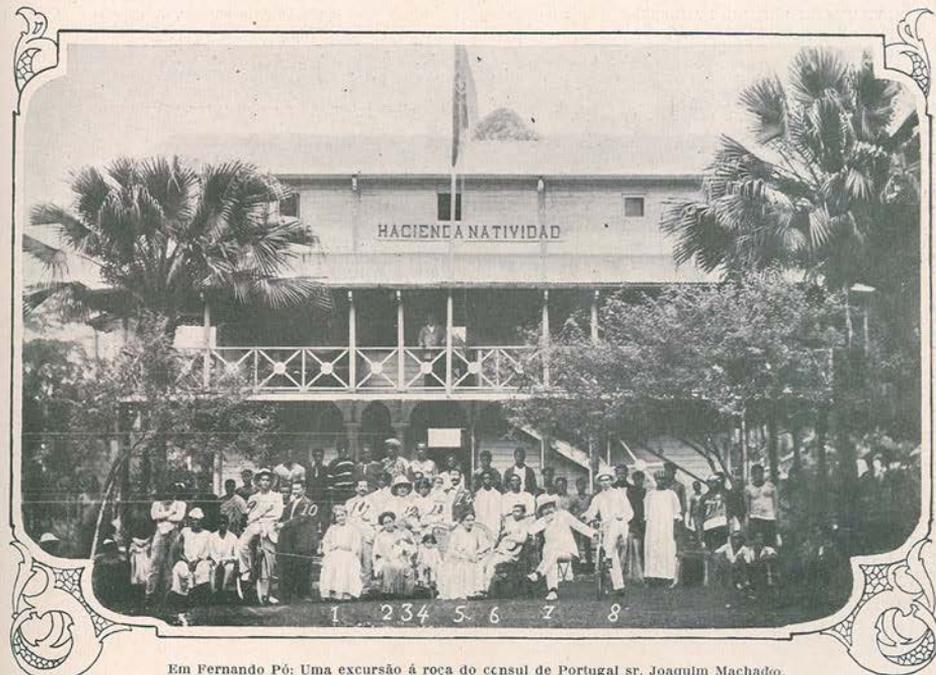
1. A sombrinha que a moda pretende lançar em Berlim desioça-se ao sabor da vontade de quem a empunha dando assim a sombra que se deseja.—2. Também algumas damas berlinenses pretenderam ousadamente fazer pegar a moda das meias claras com animaes bordados a negro, o que contrariou os costumes puritanos da Imperial Alemanha.
(«Clichés» Berliner Illustration.)



Aspirantes de Infantaria que terminaram o mez passado, na Escola de Mafra, o tirocinio para promoção a oficial.
(«Clichés» do distinto fotografador amador, de Mafra, sr. David Mota.)



Presos políticos em Braga em 21 d'outubro de 1913: Srs. 1. J. V. da Costa Mendes. 2. J. J. Peixoto. 3. António F. Lopes. 4. Custodio Ribeiro. 5. A. T. e Silva Leite de Macedo. 6. Adelino Silva. 7. J. A. Rodrigues Bravo. 8. Julio Gulmarães. 9. Alfredo Abreu. 10. António G. Puga. 11. José da Silva Esperança. 12. Manuel N. dos Santos. 13. António B. J. Junior. 14. Manuel António da Cunha. 15. Manuel da Silva Pereira de Vasconcelos. 16. João Pereira de Castro (Tojeira). 17. Aparício A. Calheiros de Miranda. 18. Dr. José J. P. dos Santos Mota. 19. Adriano Aragão. 20. Ernesto Julio Taveira e Silva Leite de Macedo.



Em Fernando Pó: Uma excursão á roça do ccnsul de Portugal sr. Joaquim Machado.

1. Sr.ª D. Gusla Contente. 2. Mademoiselle Pabalan. 3. Mademoiselle Maria Fernanda Machado. 4. Mademoiselle Mercedes Pabalan. 5. Madame Machado. 6. Jorge David. 7. Dr. Tomaz Pabalan. 8. Lopes Tavira. 9. Canuto Lisboa. 10. Luiz Conejos. 11. Jaime Gil. 12. Joaquim Machado, consul de Portugal. 13. Menino Joaquim d'Oliveira Machado. 14. Julio Fonseca, empregado chefe da fazenda agrícola, «Natividade».

As explorações de Roosevelt no Brazil.

— O ex-presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, cuja vida tem sido uma perpetua agitação, foi explorar os sertões brasileiros. Depois d'uma larga travessia a oeste de Mato Grosso, a qual foi cheia de dramaticas peripecias, regressou ao



O ex-presidente dos Estados-Unidos Mr. Roosevelt



Capitão tenente sr. José Carlos da Maia, novo governador de Macau.

O novo governador de Macau.

— José Carlos da Maia, o novo governador de Macau e que partiu ha dias para o seu posto é um dos heroes da revolução. Oficial de marinha distinto, caracter diamantino, alma d'eleição, esse bravo marinho é ao mesmo tempo um es udiioso e um

seu paiz onde, entrevistado pelos jornalistas asseverou ter encontrado um rio de mil e seiscentos kilometros até agora desconhecido, tendo recolhido tambem ali duas mil e cem aves, mamíferas e reptis.

N'aquêle rio misterioso navegaram sessenta dias em escaletas cuja marcha a rapidez vestigiosa da caudalosa corrente por vezes interrompia.

dor. Os seus trabalhos como parlamentar o comprovam, como o seu comando do «S. Gabriel» marca um brilhante periodo da sua carreira. Ultimamente recusou a pasta da marinha e aceitando o governo de Macau, cujas necessidades largamente conhece, presta mais um serviço ao seu paiz movimentando a sua actividade de sempre n'uma obra digna e fructificada.



3. O sr. José S. Cortim, falecido em Lisboa.—4. Contra-almirante sr. A. J. Marx de Sort, falecido em Lisboa

GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA.—Nenhum governador geral de Angola, foi, a sua despedida, cercado de tantas manifestações de respeitosa consideração, estima e simpatia como o sr. major José Mendes Ribeiro Norton de Matos. Os jornaes d'aquella nossa colonia inserem, em numeros successivos, todos os detalhes d'essas manifestações. Por meio de mensagens e telegramas as Associações Comerciaes de Loanda, Benguela e da Lunda, que são os tres maiores centros da vida comercial, agricola e industrial testemunharam como os povos da Provincia se achavam pezarosos com a retrada daquelle integro funcionario, a cuja auctoridade prestaram o preito da maior admiração, fazendo sentir directamente ao sr. ministro das colonias que, para se impulsionalmente o desenvolvimento economico da Provincia, se torna-va imprescindivel que o sr. major Norton de Matos regressasse a Angola com elementos indispensaveis de autonomia administrativa e financeira para executar o seu vasto e sabio programa, no sentido de elevar a colonia ao nive das mais ricas e florescentes possessões estrangeiras visinhas.

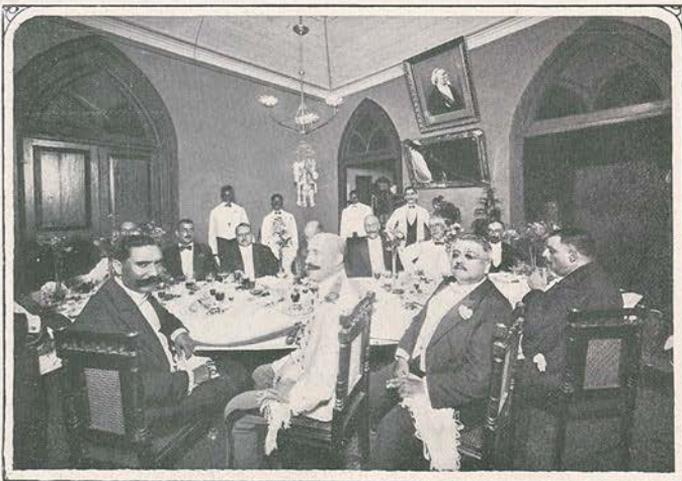
No mesmo intuito se manifestou o povo de Loanda, n'um comicio que teve lugar nas vastas salas da Associação Commercial d'essa cidade, promovido pelos

elementos mais cotados do commercio. A corporação dos consules estrangeiros, na ante-vespera do embarque do sr. Norton de Matos, foi a sua residencia official tributarlhe as homenagens da sua maior simpatia e estima, dentro das reservas proprias do protocolo.

Alguns chefes dos serviços provinciaes, a quem o sr. Norton de Matos ofertou a sua fotografia, retribuiram essa gentileza, dedicando-lhe um jantar intimo de que publicamos a gravura.

Não ha duvida que quando um funcionario colonial como o sr. Norton de Matos tem uma folha constellada de brilhantes serviços, conquista sempre, em qual quer parte que se encontre, o culto dos homens, firmado dia a dia de uma forma cada vez mais solida e colossal, sendo assim conduzido a consagração suprema e a maior das apoteoses que o espirito humano pode desejar e conceber. O sr. major Norton de Matos obteve essa consagração.

Que o diga, além de mais, a vistosa floetilha que o acompanhou ao seu embarque no «Beira», que o transportou de Loanda a metropole.



No jantar de despedida ao governador de Ango a sr. Norton de Matos, no salão do Grande Hotel Central de Loanda nas vespers da sua viagem a metropole. No primeiro plano: da esquerda para direita veem-se os srs. tenente de artilharia Tomaz Fernandes; engenheiro Granget, director das obras publicas; major Mimoso Guerra governador geral interino; capitão de fragata Martinho Montenegro, chefe do departamento maritimo; Perceira Batalha, director dos telegrafos.—No segundo plano: da esquerda para direita os srs. engenheiro Galvão, Inspector das obras publicas; coronel Antonio Maria da Silva, secretario geral interino; Casimiro de Almeida Arez, administrador do circulo aduaneiro; dr. Mota Capitão procurador da Republica.

CASIMIRO AREZ.

ZULMIRA RAMOS

No nosso moderno teatro de declamação, realça n'este momento, n'uma evidencia brilhante d'Arte e de simpatia, a figura d'esta graciosissima atriz.

Zulmira Ramos, pela sua indole estudiosa e pela sua instrução naturalista é, entre as nossas atrizes, uma das que mais prende a atenção e mais justos aplausos obtem. Artista de talento, possui um tipo alegre, atraente e de grande mobilidade. Encarnando-se completamente nas personagens que lhe são confiadas,



A atriz Zulmira Ramos

sabe dar-lhes interpretações magnificas e de molde a não deixar escapar nem um só detalhe de observação. Inteligente e educada, expõe sempre com uma dilação elegantissima, conseguindo dar relevo aos papeis. E' com a peça «A Bela Madame Vargas» do escritor brasileiro Paulo Barreto (João do Rio) em que a gentil atriz tem o principal papel, que ella realisa a sua festa na noite de 20 do corrente no Teatro do Ginasio e que será sem duvida, uma «soirée» de Arte e de elegancia.

CONCURSO DE TIRO EM BARCELLOS



Um dos mais brilhantes aspectos das festas das Cruzes em Barcellos foi o concurso de tiro aos pombos em que tomaram parte varios amadores distintissimos e que se realizou na quinta da Barreta dos srs. viscondes de Fervenca.

A «poule» foi decidida ao oitavo pombo pelos srs. Romão Casals, do Porto e Joaquim Correia, de Braga, que até aquella data se tinham equiparado na classificação. O concurso foi dirigido pelo sr. dr. Pinto da Silva e o juri composto pelos srs. major

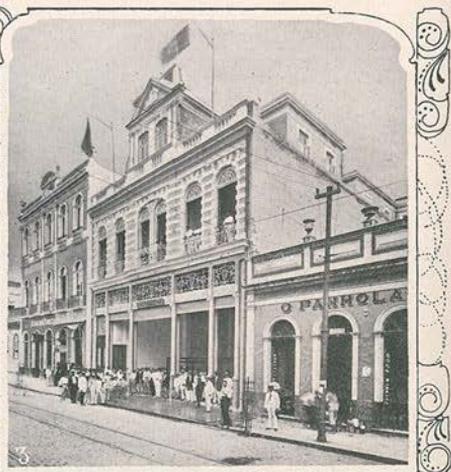
José Cardoso, José Lopes e Julio de Faria.



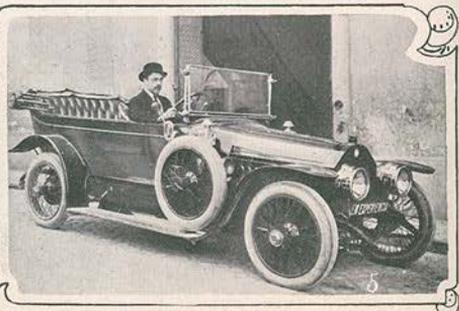
1. O juri.—2. Um dos atridores, o sr. Romeu Casals.—3. A assistencia. (Clichés: Alvaro Martins)



Em Extremoz: Alíadas de S. João Batista Rôlo com a sua professora e regente.



2. Figura alada, pelo escultor Julio Vaz Junior, destinada a um Jazigo em construção pelo arquiteto sr. Eduardo Alves.
3. Um trecho da rua Municipal em Manaus onde está a Agencia do Banco do Brazil e ao lado a Sucursal do «seculo».



4. Um passeio dos empregados da grande fabrica Palmelra (Pará, Brazil) Srs. José Esteves, Alberto Ferreira Leal, Daniel Marques Dias, Heltor Almêda, Manuel M. Junlor, David Marques Dias, Sebastião Fernandes.
5. Um novo tipo de automóveis. A Industria dos automóveis apresenta progressos constantes; haja em vista o novo tipo «Sport», dos importantes e conhecidos construtores Cottin & Desgouttes, com 3 válvulas por cilindro, conseguindo um rendimento ainda não atingido até hoje. A aparição d'este novo tipo causou profunda surpresa e sensação no nosso meio automobilista.—(Cliché de Benolle)

Uma caçada aos veados na Tapada de Mafra

Organizada pelo sr. José Antunes Monteiro, realizou-se ha dias uma batida aos gamos, na Tapada de Mafra, em que tomaram parte além do organisador, os srs. drs. Santana Leite, Crespo de Lacerda e Pedro Marreca. O ponto de partida foi a Rotunda de onde saíram em automovel pelas 5 e meia da manhã tendo chegado a Mafra uma hora depois. Reunidos os batedores, que já esperavam ás ordens do sr. Vigario, filho, distinto caçador da região, que foi incançavel, começou a batida. Distribuidas as diversas portas iniciou-se o primeiro cerco; passados momentos ouviam-se os gritos dos batedores que com sacramental frase de «vae bicho» assim tentaram encaminhar a caça na direção das chamadas portas, que foram distribuidas da seguinte fórma: á primeira, dr. Crespo de Lacerda, á segunda dr. Pedro Marreca,



á terceira dr. Santana Leite, á quarta, sr. José Monteiro, e finalmente á quinta e sexta sr. Vigario (filho) e um dos guardas da Tapada.

No fim de alguns minutos ouviam-se já diversos batedores e passado um certo tempo já a grita era grande. Era o cerco que terminava; apareceram duas rapozas ás quaes não se atirou devido á grande distancia a que saltaram. Estava terminado o primeiro cerco que nenhum resultado deu.

Feita novamente a distribuição deu-se começo ao segundo em que foram vistas duas rezes, mas que não poderam ser abatidas. Fez-se o terceiro tambem sem resultado. Era já meio dia e para quem estava farto de andar e se tinha levantado tão cedo, o apetite pelo almoço já não era uma cousa extranha. Começada a



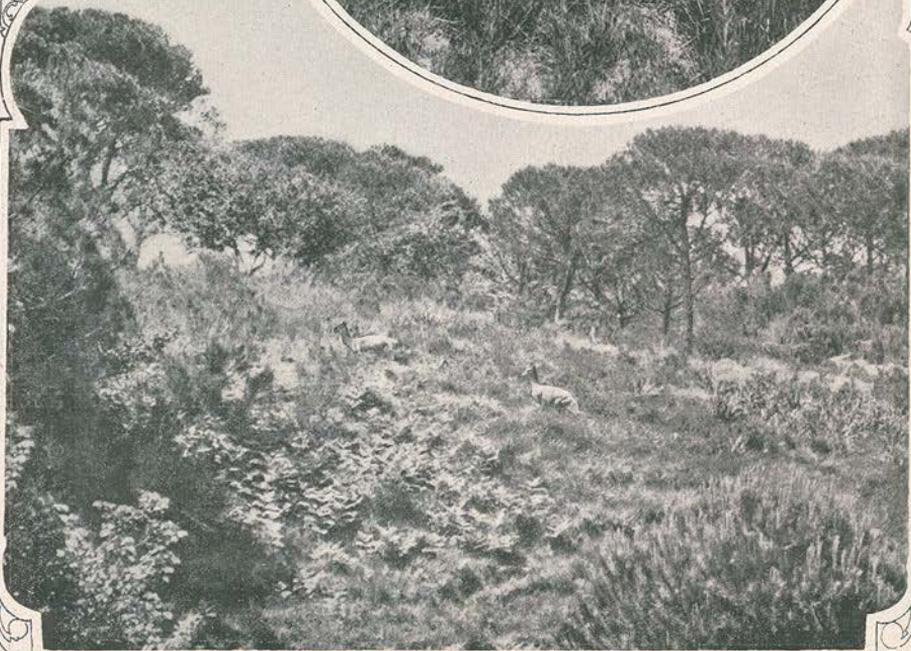
1 Um belo exemplar. 2. A partida para a caçada.

refeição, que foi servida junto d'uma das portas da Tapada, e confeccionada ali mesmo, novos planos de combate se fizeram, o que representava nem mais nem menos do que umas tantas sentenças de morte para os pobres bichos. Ao terminar chegou de auto o sr. dr. Burguete com dois pequenos caçadores uma menina e um menino, seus filhos, que juntando-se aos que estavam se puzeram a caminho do primeiro cerco.

Começava a passar o maior calor e então já alguma caça ia aparecendo mas a distancia a que os tiros certamente seriam ineficazes; contudo o 1.º a atirar foi sr. dr. Pedro Marreca que disparando sobre um javardo, o unico que foi visto, não conseguiu matá-lo pois o mato n'esse sitio atingia quasi a altura d'um homem. Seriam quasi cinco horas foram alvejados pelo sr. J. Monteiro, a uma distancia de quasi duzentos metros, uns cinco gamos dos quaes dois foram tombados; momentos depois ca-

bia a vez ao sr. dr. Santana Leite que mata-va um lindo raposo e em seguida o sr. dr. Pedro Marreca abatia por sua vez uma gamela.

Ao cair da tarde, no sitio do Celebredo onde era o ponto de reunião, chegava o sr. dr. Crespo



1. Procurando a caça. 2. O veado no cerco.



Assim terminou um belo dia para os amadores d'este «sport» tendo sido antes da partida pagas as respectivas multas que são de 10 escudos por macho e 5 escudos por fema.

Se algum veado tivesse sido morto a multa seria de 50 escudos e 30 cada fema.

G.

1. A boa presa. 2. O veado no meio do mato.

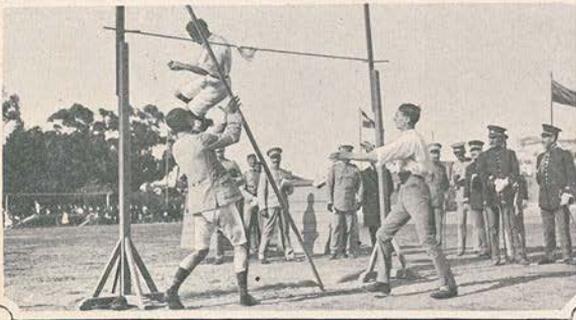
de Lacerda com um lindo macho (gamo). Devemos dizer que todos estes animaes mal são abatidos, são devidamente sangrados e abertos pelos creados ou batedores.



O fim da caçada—(Clichés Arnaldo Garcez)

Provas finais dos alunos da Escola de Guerra

Na Escola de Guerra houve uma interessante festa com as provas finais dos alunos que deante do chefe do Estado e de varias entidades officias demonstraram quanto tinha sido excelente



varas, lançamento de disco, etc. que mereceram os aplausos da assistência, sendo distribuidos premios aos alunos que mais se distinguiram.

Quando terminaram essas

Saltando á vara



a sua aplicação durante o ano, n'essa parte de exercicios fisicos com que se completa a educação militar.

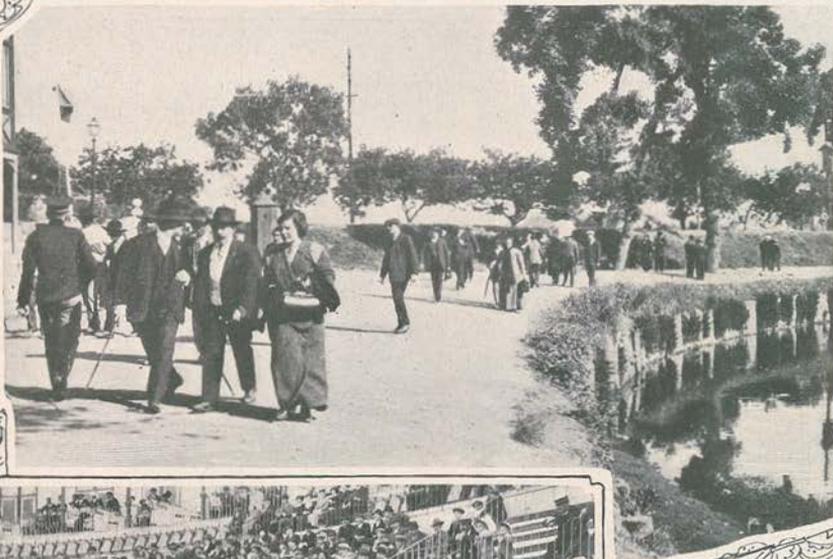
Fizeram-se movimentos em escola, corridas, evoluções, velocipedia, saltos d'obstaculos, esgrima de baioneta e de sabre, saltos de



provas e se acabou a distribuição dos premios, o lente da escola, sr. Nunes Gonçalves, discursou enaltecendo o brilhantismo da significativa festa educativa que acabava de se celebrar com a assistência do sr. Presidente da Republica.

2. O sr. Presidente da Republica, entre o chefe do governo e o ministro da guerra. Ao lado do sr. dr. Bernardino Machado, o sr. general Moraes Sarmento comandante da escola.—3. Assalto d'esgrima

A tourada em Algés



Luciano Moreira deu as suas luzes.

Já hoje ha artistas que em Algés começaram como Alexandre Vieira, Custodio Domingos e outros, cujos nomes são considerados nos meios tauromaquicos, assim como os d'alguns cavaleiros que ali se revelaram.

Na tourada do ultimo domingo, em que o Antonio preto com o seu grupo fez as engraçadas peloticas do costume, distinguiram-se ainda assim alguns dos rapazes que tomaram parte na corrida e que o distinto bandarilheiro Luciano Moreira coadjuvou. Entre eles destacaram-se Eduardo Cebola com um salto de vara e João dos Santos, andando Antonio Marques regularmente. Os cavaleiros foram Francisco Bento d'Araujo e José Casimiro Gomes, do Cacem, tendo sido lidados dez touros e vacas pertença d'um conhecido lavrador.

Tambem o cabo dos forcados José Valerio fez uma bela péga sendo muito ovacionado.

A tourada que se realisou em Algés teve uma grande concorrencia de amadores d'ês se genero d'espectaculos nos quaes a risada brota franca diante das peripecias da corrida. Apesar de tudo, Algés tem sido a praça onde grande numero de vocações se leem revelado. Começa o amator por se habituar e acaba n'uma alternativa no Campo Pequeno com grande aprazimento do publico que o tem aplaudido nos seus trabalhos anteriores.

O empzeario Segurado, que durate anos teve aquela praça, pôde dizer-se ter instituido ali uma verdadeira escola de toureio á qual o bandarilheiro



1. A caminho da praça.
2. Um aspéto da assistencia
3. Salto de vara pelo amator João dos Santos.
4. Um par de bandarilhas a quartelo pelo amator João dos Santos.

(«Clichés» de Benelli)

TEATROS



Augusto de Lacerda.

«Telhados de Vidro» No Teatro Nacional

O autor da «Dúvida», do «Judas» e da «Lei do Divorcio» tem o seu nome feito. Mas, se não o tivesse, bastaria «Telhados de Vidro», bastaria mesmo só o 2.º ato d'esta peça, para firmar e consagrar as suas inequívocas, as suas fortes facilidades de homem de teatro. Augusto de Lacerda conhece, como poucos, os segredos, as leis, os mistérios d'esse mecanismo complicado que é um palco e d'essa ficção sedutora que é a vida da cena. A sua nova obra, que o Teatro Nacional acaba de nos dar, em primeira representação, demonstra-o bem, na composição e distribuição das figuras, na realização dos efeitos—e sobretudo n'essa arte sobria de desenvolver a ação e de prender e dominar a atenção do publico.

«Telhados de Vidro» é uma peça feita, armada, construída, sobre um habil-«truc»-de comédia. Uma mulher recebe por varias vezes, a desoras e a occultas, seu marido, de quem, por eventualidades varias, está separada. Uma noite, entre os dois dá-se uma cena qualquer violenta: ele maltrata-a, deixa-a desmaiada na alcova. Ela é surpreendida sem



A atriz Angela Pinto.

sentidos. Os vestígios, os indícios são d'um crime. Em torno d'este episodio e d'outros, a vizinhança, a indiscreção dos amigos, o sogro, a madrasita, e, sobretudo, o publico, tecem a sua intriga que, afinal, só se desmancha com o aparecimento do marido amante no «boudoir» da esposa suspeita.

Sobre este «truc» e outros incidentes paralelos, são engenhosamente conduzidas as situações, atravez de quatro atos, em que o espectador passa alternadamente da atmosfera da peça policial para a emoção do drama e do drama para a alta comedia, n'um crescendo de curiosidade.

«Telhados de Vidro» é uma obra que honra o dramaturgo da «Terra Mater»—e honra o teatro que a representou.

A registar ainda, com esta obra, o regresso ao Teatro Nacional de Angela Pinto. Angela é uma atriz, das poucas que em portugual ilustram o teatro. E' um dever saudal-a e dar-lhe as boas vindas.

A. DE C.

Outros Teatros:

No Teatro da Republica continua a arte sedutora de Rosario Pino e no Teatro Nacional tivemos tambem a recita da Escola de Arte de Representar, com um programa artistico, do qual ha a destacar sobretudo a dramatização do «Auto de fim do dia». D'essa recita, que foi um successo, nos occuparemos na cronica proxima.



3. Ato Augusto de Melo, atrizes Albertina d'Oliveira, Laura Cruz, Carlota Sande, ator Joaquim Costa, atriz Izabel Berardil e o ator João Calazans na peça «Telhados de Vidro».
4. Atriz Laura Cruz e ator C. Santos n'uma das cenas do ultimo ato dos «Telhados de Vidro».
5. As atrizes Rosario Pino e Concepcion Robles e outros artistas da companhia hespanhola na peça dos Irmãos Quintero «El Paño».—(«Clichés» de Benoitel)

PEÇAM A ESTE HOMEM QUE LHES LEIA A VIDA.

O seu poder extraordinário de lêr as vidas humanas, seja a que distancia fór, assombra todos aqueles que lhe escrevem.

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, tem tido bom proveito dos conselhos d'este ho-

mem. Diz-lhes quaes os destinos que as suas capacidades lhes prometem e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos, e descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descrição que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causa-lhes ha espanto, e servilhes de auxilio. E tudo quanto ele precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escrito pela propria mão d'ela) a data do nascimento e a declaração do sexo.



Escusado mandá-lo dinheiro. Citem o nome d'este jornal e obterão uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto lêr quizer aproveitar este offerecimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome, apelido, morada e a data do seu nascimento (dia, mez e ano, tudo bem claramente escrito e explicado), e que seja senhor, senhora ou menina solteira, copiando tambem pela sua letra os versos seguintes:

São milhares os que nos dizem

Que daes conselhos sem par:

Para atingir a ventura,

Quereis-me o caminho ensinar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pode juntar ao pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 50.1 réis em estampilhas d'irja a sua carta a Clay Burton Vance, Suite 2008 R., Palais-Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franquiadas com 50 réis, moeda portugueza (ou 200 réis moeda brasileira).

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

CARTEIRAS FINAS e MALAS de VIAGEM
MONDRIANAS etc. etc.
VENDAS POR GROSSO e A RETALHO ENTRADA 125 REIS
BRITO DAS CARTEIRAS T. de S. ANTÃO, LISBOA



Sederias Lucerna

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselin suissa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerna E 11 (Suissa)
Exportação de sedas.

Colegio Nacional SANTAREM

Internato de 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da flor

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Fini-ta a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as Pharmacias e boas Mercenarias.

POUDRE GERMANDRÉE

Secret de beauté

Pour embellir soigner l'epau, la gorge, le cou, le visage et discret Parf. Idéal

MIGNOT-BOUCHER Parfumerie 92, rue de Valenciennes PARIS

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

FRIO da BELLEZA

PÓS para embelezar a cutis.
PÓS em folhas adherentes em forma pratica
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A VENDIM EM TODAS AS PERFUMARIAS
ELS GANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
150, Rue de Valenciennes - PARIS

Primeiro deveis usar este



JAVOL

Shampoo em pó

E'
um preparado excelente
para
limpar o Cabelo

Unicos Depositarios para Portugal
Santos & Bensliman, 87, Rua Aurea, Lisboa.

e em seguida qualquer d'estes

Com o uso diario do



Para o Cabelo seco deve
usar-se o
Javol frasco-preto

JAVOL

conseguir-se-ha um farto
Cabelo

JAVOL

evita a queda do Cabelo
e tira
a caspa completamente

Vende-se em todas as boas farmacias,
drogarias e perfumarias



Para o Cabelo gorduroso
deve usar-se o
Javol frasco-branco

DEPOSITARIOS: SANTOS & BENSLIMAN 87, RUA AUREA—LISBOA